

O USO DA CONTRIBUIÇÃO DA NEUROCIÊNCIA À COMPREENSÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DENTRO DA ATUAÇÃO COMO SUPERVISORA CAPES/PIBID

ANA PAULA DIAS ROMANOSKI - UNESPAR¹

JOSIMAR MARIANO BORILLE - UNESPAR²

ROSELI VERGOPOLAN - UNESPAR³

INTRODUÇÃO

O presente estudo define Dificuldades de Aprendizagem como as dificuldades apresentadas por alguns alunos em assimilar conhecimentos, acarretando, desse modo, déficits de aprendizagem, ou seja, tudo aquilo que impede o indivíduo, direta ou indiretamente, de acompanhar o processo escolar. Essas dificuldades podem ser oriundas de fatores biológicos, neurológicos, sociais, psicológicos, entre outros, cabendo a comunidade escolar (pais, professores, diretores, pedagogos) um diagnóstico precoce, para que sejam adotadas intervenções adequadas.

Uma das maiores indagações desse novo século refere-se ao por que alguns alunos não aprendem? Muito já se escreveu e investigou sobre Dificuldades de Aprendizagem e o insucesso escolar. Muitos pesquisadores e teóricos foram ouvidos acerca do tema, mas o que podemos notar é que as Dificuldades de Aprendizagem representam um dos problemas centrais da Educação contemporânea, tanto por sua complexa definição, como pela dificuldade de sua interpretação pelos agentes de ensino.

Nota-se que os profissionais da Educação sentem-se despreparados quando se defrontam com o “problema” em suas salas de aula, o que, por sua vez, acarreta em um alto índice de repetências, favorecendo a evasão escolar, que pode emergir como resultado de um diagnóstico errado e/ ou precipitado.

Para tanto, inicia-se este trabalho trazendo breves conceitos correlatos às Dificuldades de Aprendizagem, que, por sua vez, auxiliarão na obtenção de conhecimentos básicos, que servirão de base para observar e compreender o tema.

Segundo (Drouet, 1995, p. 8):

A aprendizagem é gradual, ou seja, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda nossa vida. Portanto ela é um processo constante, cada indivíduo tem seu ritmo próprio de aprendizagem (biológico) que aliado a outros fatores sejam estes, meio social até seu tipo psicológico irá constituir sua individualidade.

Evidencia-se que a forma de como se dá a aprendizagem ainda é um enigma, muitos conceitos foram criados acerca desse fenômeno, deixando claro que a aprendizagem deve ser respeitada e estimulada, levando em consideração todos os indivíduos desse processo, bem como o tempo em que ela se dá. Dessa forma, explicam Coppi e Heerdt (2003, p.120): “O crescimento da criança não se dá em linha reta, às dificuldades se iniciam geralmente por crises que ocorrem na passagem de uma etapa para outra sem que a primeira já esteja concluída.”

A aprendizagem faz parte de atividades sociais dos indivíduos, facilitando nesses a socialização e a apropriação de conhecimentos, e está diretamente ligada a funções neurológicas, o que traz fortes indícios da importância para o profissional da área da educação em investir mais no conhecimento das bases neurológicas, o que, por sua vez, facilitará e auxiliará nas práticas de aprendizagem.

38 Professora Especialista Supervisora Bolsista CAPES/PIBID UNESPAR. E-mail: anaromanoski@gmail.com

39 Professora Mestre Supervisora Bolsista CAPES/PIBID UNESPAR. E-mail: jmborille@yahoo.com.br

40 Professora Mestre Supervisora Bolsista CAPES/PIBID UNESPAR. E-mail: Roseli_vergopolan@yahoo.com.br

A neurociência oferece um grande potencial para nortear a pesquisa educacional e futura aplicação em sala de aula de atividades que auxiliem e/ou facilitem o processo de desenvolvimento cognitivo. Posturas otimistas apontam que as descobertas em neurociências contribuem positivamente para o aprimoramento da teoria e, por conseguinte, o melhoramento das práticas educacionais, uma vez que o aprender e o lembrar do estudante ocorre no seu cérebro.

Conhecer como o cérebro funciona talvez nos aponte a melhor maneira de ajudar os alunos a aprenderem. A aprendizagem e a educação estão intimamente ligadas ao desenvolvimento do cérebro, que é moldável de acordo com os estímulos do ambiente. Segundo explica Flores (2002, p.143), “Os estímulos do ambiente levam os neurônios a formar novas sinapses. Assim, a aprendizagem é o processo pelo qual o cérebro reage aos estímulos do ambiente, ativando sinapses, tornando-as mais “intensas”. O que, por sua vez, evidencia a importância de estímulos significativos nas práticas educacionais, uma vez que o cérebro se modifica aos poucos, tanto fisiológica quanto estruturalmente, como resultado das experiências vivenciadas.

O grande desafio está em encontrar meios para diminuir o fracasso escolar, pois, segundo pesquisas, o tema em questão tem tomado altas proporções, no que diz respeito e repetência e evasão escolar, tendo em vista que, a cada ano, aumentam nas escolas o número de crianças que não conseguem aprender com o mesmo ritmo e de forma homogênea, e isso vem preocupando os docentes da atualidade.

Dessa maneira, parte-se do princípio de que crianças com dificuldades na aprendizagem, ao receberem intervenções pedagógicas adequadas e enriquecidas, podem adquirir informações e desbloquear suas dificuldades, vindo a modificar positivamente suas construções de conhecimento e aprendizagem. Partindo desses princípios, teóricos como Vygotsky apontam para a ludicidade, uma vez que essas, além de estimularem diversas funções cerebrais, permitem que a criança aprenda a agir em função de uma situação ou de um objeto que não está presente ou visível para ela no momento. Na brincadeira, demonstra sentimentos, emoções, conhecimentos e significados já vivenciados, que são elaborados por ela de forma própria. Além de proporcionar à criança um momento de interação com o outro, de aprendizagens sobre os objetos que estão a sua volta e das regras que organizam as relações humanas, o brincar a auxilia a lidar com a espera, a tomar decisões e a participar de ações coletivas.

É pela interação com o(s) outro(s) que as formas de pensar são constituídas pela apropriação do saber. Quanto maiores as experiências pelas quais as crianças passam, mais funções mentais acontecem, facilitando a aprendizagem.

Segundo Vygotsky (in JOSÉ; COELHO, 1996), é por meio da interação com os outros indivíduos que a criança desenvolve sua capacidade simbólica, aliando-a a sua prática, tornando-se, assim, mais consciente de sua própria existência.

Se a aprendizagem desencadeia o desenvolvimento, portanto cabe ao professor auxiliar a criança a realizar novas conquistas intelectuais, considerando a distância entre as zonas de desenvolvimento, propiciando momentos de experiências diversificadas, motivadoras e enriquecedoras, para que ela possa desenvolver suas capacidades, fortalecer sua autoestima e dispor de elementos que promovam sua formação integral.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Esclarecer o que e quais são as causas das Dificuldades de Aprendizagem e de que maneira conhecimentos prévios em Neurociências podem contribuir para o diagnóstico e intervenções das Dificuldades de Aprendizagem.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Demonstrar qual deve ser a postura do docente diante dos alunos que apresentam Dificuldades de Aprendizagem;
- b) Investigar de que forma a ludicidade pode auxiliar no processo de intervenção das Dificuldades de Aprendizagem;
- c) A contribuição da pesquisa e da formação continuada para o fortalecimento da práxis educacional transformadora.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste em uma análise bibliográfica, realizada por meio da revisão de leitura de diferentes bases de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO (OU RESULTADOS ESPERADOS, SE A PESQUISA ESTIVER EM DESENVOLVIMENTO)

Este trabalho está apoiado em embasamento teórico, visando buscar métodos na teoria para melhorar a prática, e uma ampliação no cabedal teórico, cuja oportunidade de pesquisa vem sendo desenvolvido no trabalho como supervisora bolsista CAPES/PIBID/UNESPAR, e está longe de apresentar receitas ou respostas prontas, apenas se dispõe a apontar caminhos possíveis para uma práxis educativa voltada para heterogeneidade de estilos de aprendizagens baseados na forma como o ser humano se desenvolve neurologicamente.

REFERÊNCIAS

DROUET, R.C.R. **Distúrbios de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.

FLORES, R. Z. Neurociências: as conseqüências da valorização do neurônio. In: Mota, R. Flores, R. Z, Sepel, L., Loreto, E. (orgs.) **Método científico & fronteiras do conhecimento**. Santa Maria, RS: CESMA, 2002. p.141-156.

HEERDT, M. L.; COPPI, P. **Como Educar Hoje?: reflexões e propostas para uma Educação Integral**. São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. 8.ed. São Paulo: Ática,1996.